

Os motivos da poesia em Luiza Neto Jorge
The reasons behind Luiza Neto Jorge's poetry

Carolina Alves Ferreira de Abreu

Colégio Militar de Manaus

<https://orcid.org/0000-0002-5421-6400>

deabreu.carol@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem como proposta um estudo direcionado à abordagem da poesia de Luiza Neto Jorge, buscando a compreensão acerca dos motivos poéticos em sua escrita por meio do corpo não em seu estado material propriamente, mas como elemento instituído historicamente em um país ditatorial instaurado pelo Estado Novo português e suas ideologias disseminadas. Outro ponto importante é a relação do corpo da mulher em relação ao corpo do poema, em que tais formas poéticas são evidenciadas na poesia da poetisa portuguesa. Tais questões são elementos cruciais de denúncia e de resistência de um tempo arraigado pelo autoritarismo, pelo patriarcado, pela interferência da igreja e pelo nacionalismo demasiado.

PALAVRAS – CHAVE: Poesia portuguesa; Corpo; Crítica literária; Luiza Neto Jorge.

ABSTRACT: *This article proposes a study directed to the poetry approach of Luiza Neto Jorge, seeking an understanding of the poetic motives in her writing through the body not in its appropriate state material, but as an institutional element historically in a country instituted by the Estado Novo and its disseminated ideologies. Another important point is associated with the woman's body in relation to the body of the poem, these poetic forms evidenced in the poetry of the portuguese poet. Such questions are crucial elements of denunciation and resistance in a time rooted by the authoritarianism, by the patriarchy, by the church and the excessive nationalism.*

KEYWORDS: *Portuguese poetry; Body; Literary criticism; Luiza Neto Jorge.*

1. Preâmbulo

Para começo, “deitar com Luiza Neto Jorge”, retomando as palavras de Ana Cristina Chiara, necessita certo empenho: adentrar um lugar em que há “um jogo de relâmpagos” de um lado, e de outro as “Mansidões na pele e do labirinto só / a convulsa circunvolução do corpo”, é inevitavelmente uma espécie de entrega ao movimento do corpo, do sexo, da vida, das formas em que “o poema ensina a cair”. De outra forma, reconstrói em tal queda necessária a poesia em consonância ao mundo, a mim, a você, a Luiza, esta constante relação entre a poesia e aquilo a ser experienciado, nos moldes de texto pautado naquilo que se chamaria de exercício da crítica literária.

Reitera-se, mais uma vez, ao adentrar o universo da poetisa, aquilo que Gastão Cruz diz sobre a empreitada concomitantemente árdua e atingível, uma dupla

significação, ambiguidade muitas vezes, sempre muito envolvente em sua poesia, “num dos mundos mais fascinantes criados na poesia portuguesa” (CRUZ, 2010, p.31), não delimitada apenas ao efervescente século XX, mas, sobretudo, ao que Rosa Maria Martelo destaca como contribuição da sua poesia: “Luiza Neto Jorge não podia saber que a poesia portuguesa se aproximava de um momento de cintilação muito particular, que passaria por uma fortíssima consolidação das grandes linhas fundadoras da poesia moderna” (MARTELO, 2008, p.9). Tal assertiva faz-se verdadeira à medida que a análise de seus versos amplia-se a uma dimensão relacionada ao modo como sua obra traz à tona temas tão diversos, sejam eles afetivos, econômicos, políticos, sociais, metalinguísticos, postos não como um fim em si, mas como questionadores dos discursos hegemônicos vigentes.

Discorre-se neste artigo sobre os motivos relevantes à poesia de Luiza, de modo que se pretende pensá-la como uma forma, definida neste esboço, enquanto corpo estruturado entre a escrita e o ser humano, e mais especificamente a mulher. Os motivos são muitos, porém, a custo de delimitar um objeto em sua poética, o corpo será o principal motivo evidenciado.

Ao falar sobre poesia, interessa demonstrá-la não como uma forma fechada, única, ou associada a uma determinada hegemonia de conceito. Recordam-se as palavras do poeta português Melo e Castro, em *O próprio poético*, para pensar a poesia como uma realidade de difícil definição:

Creio que devemos muito claramente distinguir várias fases ou aspectos da Poesia, se queremos saber do que estamos a falar. A Poesia texto ou objeto criado, isto é, motivado pela atividade de um ser humano. A Poesia energia que impulsiona essa atividade, ou que por ela se transmite, ou se transforma. A Poesia que se recebe: energia que nos ataca e comove e vem “não se sabe de onde” e pode existir em tudo, em tudo o que nos choca, ou desperta, ou alerta, ou entusiasmo, ou entristece, e que depende, portanto muito de nós próprios, da nossa capacidade ou vulnerabilidade para sermos chocados, despertados, alertados, entusiasmados, entristecidos (MELO E CASTRO, 1973, p. 2).

A Poesia, grafada com a maiúscula “P”, delinea a Poesia como aquilo que comunica Poesia, ou seja, registra um real que lhe é próprio: o Poético. Começa-se, assim, a tracejar a perspectiva na qual se deseja discorrer a poesia de Luiza; mas antes, adentrar o Poético (novamente em letra maiúscula, com “P”) faz-se imprescindível: “É essa escrita do Poético que é a Poesia. É esse ato de codificação (a escrita) que nos dá tudo o que dela podemos possuir: O poema” (MELO E CASTRO, 1973, p. 6).

O também ensaísta restringe-se ao texto, mas de outra forma, como um princípio

maior, ele possibilita experiências na medida “em que o texto (Poema), pelo modo específico como está codificado, atua como transformador da realidade e posteriormente como emissor de um novo real” (MELO E CASTRO, 1973, p. 7). A esse poder criador ele chama de codificação, e o modo de codificar refere-se ao modo de ser executado:

A execução é um ato, e um ato é uma prática, e uma prática é uma operação, e uma operação é um processo. Por isso existe um tempo, um lugar, um material, uma relação vivencial, uma relação histórica, uma energia, que se codificam simultaneamente com a codificação do Poético = escrita do Poema (MELO E CASTRO, 1973, p. 7).

É nessa perspectiva o anseio de refletir a poesia de Luiza, a que se relaciona o aspecto da análise de sua obra, daí o olhar da crítica literária a sua produção, dos ensejos da criação do poema (o próprio poético) – o ponto de partida –, e da imagem atrelada à experiência da poesia em relação à realidade instaurada em Portugal dos anos 60.

De outra maneira, pede-se um olhar mais atento à poesia da poetisa. Afinal, dar a palavra à escritora é compreender uma produção poética arraigada a “uma noção de textualidade de matriz moderna, radicalizando-a e levando-a uma condição extrema” (MARTELO, 2008, p.14), que se aproxima dos limites da poesia no que se refere à “distensão e experimentação discursiva” (MARTELO, 2008, p.14), ou seja, novas formas para se criar outra realidade para o poema e para o mundo, também experimentado:

O choque no plano semântico e sintático, as elipses, as descontinuidades, a ausência de sequencialidade, a sugestividade das imagens, os neologismos obtidos por estranhas aglutinações e justaposições, as associações paronímicas, a condição de indecidibilidade gerada por construções sintáticas ambivalentes obrigam o leitor de Luiza Neto Jorge a ter presente a condição de objeto de linguagem do texto que tem perante si; mas nunca esta condição reverte num exercício formalista (MARTELO, 2008, p.14).

Atrelada à hipótese estética da obra literária, ponto de partida do poético, a liberdade é evidenciada em sua produção. Tal forma aproxima-se mais da vida do que se imagina, pois promove um deslocamento da e pela palavra para gerar a condição de resistência a uma escrita arraigada e a Portugal salazarista. A escrita literária agia como elemento de insurreição às formas vigentes da ditadura, tendo na proposta poética de Luiza “o choque no plano semântico e sintático”, no qual Rosa Maria Martelo (2008) explana, como num jogo de palavras que precisavam ser escritas, porém em um artifício que burlasse as censuras.

Propõe-se nesta pesquisa tal realidade como forma indissociável daquilo que se pode chamar corpo do poema, e, além disso, do corpo da mulher, objetos a se tocarem

em uma dimensão maior: corpo da poesia de Luiza Neto Jorge, corpo (s) que se fundamenta (m) dentro de uma temática “insurrecta”, para usar uma palavra cara à poetisa.

2. Portugal e o Estado Novo

Não se pode analisar a criação literária de Luiza Neto Jorge sem conhecer o contexto em que a mesma foi delineada. O Estado Novo, instaurado por Antonio Salazar, dominou o ambiente português por mais de 40 anos, diante de um projeto ideológico hegemônico que propunha um resgaste da tradição portuguesa, porém não somente:

À semelhança de outros regimes fascistas ou fascizantes da Europa, alimentou e procurou executar, a partir de órgãos do Estado especialmente criados para o efeito, um projecto totalizante de reeducação dos «espíritos», de criação de um novo tipo de portuguesas e de portugueses regenerados pelo ideário genuinamente nacional de que o regime se considerava portador (ROSAS, 2001, p.1032).

No ensaio “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”, do historiador Fernando Rosas, torna-se mais compreensível a conjuntura experienciada, além de demonstrar as ideias ditatoriais salazaristas, atreladas aos “domínios da propaganda, da educação nacional, da criação de uma «cultura popular», da orientação, e controlo dos lares, da política do regime para as mulheres” (ROSAS, 2001, p. 1031). Rosas conduz o ensaio sobre a perspectiva dos mitos ideológicos instituidores do regime do Estado Novo: o mito palingenético, o mito do novo nacionalismo, o mito imperial, o mito da ruralidade, o mito da pobreza honrada, o mito da ordem corporativa, o mito da essência católica da identidade nacional. Baseado em tais princípios, Salazar difundiu seu poder e controlou a sociedade portuguesa do século XX.

Os “mitos ideológicos fundadores” (ROSAS, 2001, p. 1034) fundamentam-se primeiramente naquilo que se poderia chamar de mito do recomeço, ao retorno de um Portugal da Renascença, das amplas descobertas, sob o pressuposto de interromper a decadência nacional. Propunha-se uma regeneração das almas portuguesas, por meio de um nacionalismo atenuante, no qual “o Estado Novo surgia, assim, como a institucionalização do destino nacional, a materialização política no século XX de uma essencialidade histórica portuguesa mítica” (ROSAS, 2001, p.1034). De outro lado, a

ideia estava inserida no presente século XX, junto à institucionalização de um nacionalismo marcado por uma necessária história mítica de Portugal.

Outro ponto essencial das ideias salazaristas consiste no poder da religião católica como motivadora da conduta na sociedade portuguesa, o que torna essa realidade religiosa vinculada à definição de nacionalidade: “A ordem nova, com os seus conceitos dominantes de autoridade e de nação, só se compreende admitindo uma ordem superior” (ROSAS, 2001, p. 1036). Deus faz-se presente na prática religiosa e política, formas indissociáveis na conduta autoritarista de Salazar.

A poética de Luiza Neto Jorge surge na situação ditatorial como um elemento de resistência, experimentando as formas, partindo do texto e de suas particularidades, para o modo de refletir e modificar o espaço ditatorial. Constitui-se uma literatura bem construída estruturalmente, mas também engajada enquanto forma de arte, como bem menciona Rosa Maria Martelo: “A escrita de Luiza Neto Jorge constitui-se, continuamente, como uma escrita de resistência e de exigência de um mundo outro. Mas raramente ela o diz abertamente porque, em lugar de o dizer, prefere ser performativa” (MARTELO, 2008, p.15), sobretudo no que diz respeito à escrita da poetisa trazer uma desordem no sentido de desestruturar ao mesmo tempo as leis da gramática e o autoritarismo presente em seu tempo.

Em meio à turbulência da ditadura, o corpo histórico presenciado por Luiza, atravessa, fere o corpo do poema como experiência do sofrimento contra o qual este corpo resiste, conforme se lê, agora, em palavras de Luiza, nos versos de “O poema”: “Esclarecendo que o poema / é um duelo agudíssimo / quero eu dizer um dedo / agudíssimo claro / apontado ao coração do homem” (JORGE, 2001, p.57). Observa-se, assim, como o poema se intercala entre aquilo a ter que dizer e aquilo a ter que transformar pela escrita e na escrita.

3. “O corpo insurrecto”: duas faces na poesia de Luiza

O corpo é um tema muito observado na poesia de Luiza, e daí o motivo principal, nesta pesquisa, de salientá-lo como um elemento perpassado por agentes históricos e sociais diante de um ambiente que de um lado é politicamente regulado, sob a hierarquia de gênero, tendo como parâmetro a imagem do corpo masculino, e que, de outro, expressa

as formas de resistência da mulher a tais agentes.

Alilderson de Jesus, no ensaio “Um corpo explosivo é a casa do mundo: o sexo Luiza Neto Jorge”, trata da perspectiva do corpo nas obras de Luiza: “Por essas e por outras razões, quando tento falar a partir do ‘corpo de Luiza Neto Jorge’, sendo importante e, diria, urgente não reduzir a poesia que dela nasce a um breve passeio pelo bosque dos desejos eróticos” (JESUS, 2010, p.60). À semelhança do crítico, diz-se que o corpo, na poética de Luiza, não se estabelece como elemento facilmente definido, muito menos enraizado aos desejos carnavais, mas se gera naquilo que:

(...) fissura para que escoe a hipocrisia pudica, aniquilada por um des pudor que se alimenta de sexo, tal como se alimenta de tudo que é vida, e que, por sua vez, engaveta o trânsito da alienação que percorremos como numa desavisada ida a um *shopping center* (JESUS, 2010, p.62).

Para concluir as palavras junto ao que Alilderson descreve, o corpo em Luiza ressignifica-se e traz consigo aquilo que é: “Sendo com o seu ouro, aurífero, / o corpo é insurrecto. / Consome-se, combustível, no sexo, boca e recto” (JORGE, 2001, p. 79). “O corpo é insurrecto”, seu ouro, na simbologia tradicional apresenta-se “como o mais precioso dos metais, o ouro é o metal da perfeição” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p.669), delimitando-se, aqui, essa perfeição ao conhecimento, à liberdade de usá-lo. É, ainda, aurífero, já que produz ouro, o conhecimento daquilo que ele é, mas, de outra forma, “consome-se”, destruído pelo fogo, pelo sexo, junto à fronteira que encarcera e invisibiliza a mulher.

Complementa-se um pouco mais essa ideia naquilo que a filósofa contemporânea Judith Butler (2015) salienta a respeito do corpo não se limitar enquanto ser, mas como um elemento regulado politicamente dentro de um campo cultural relacionado à divisão dos gêneros, mas também à “heterossexualidade compulsória”. Nessa perspectiva, o corpo atrela-se às questões de gênero e à sexualidade, ao mesmo tempo em que se aparelha à resistência e à transgressão, por ser um corpo feminino histórico, social, cultural e discursivamente construído.

O modo como se pensa o corpo em Luiza associa-se, em um primeiro momento ao corpo da mulher, aquilo que Michel Foucault (1999) explana mediante as relações de poder descentralizadas que perpassam os corpos, sejam eles subjetivos ou sociais, difundindo uma sociedade de controle e de disciplina. Ou seja, “o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não

unicamente ao aumento do domínio de suas habilidades” (FOUCAULT, 1999, p.119), como também os corpos tornam-se, de forma contrária, elementos de resistência.

É esse o viés que se pretende entender sobre a poética do corpo presente na poesia de Luiza, pois, se o corpo é insurrecto, torna-se ele um agente consciente e transformador, e no sentido mais delimitado, um corpo da mulher que resiste às formas autoritárias, repensando possibilidades tais como Maria Odila da Silva Dias (1994) salienta: “outras interpretações de identidades femininas somente virão à luz na medida em que experiências vividas em diferentes conjunturas do passado forem gradativamente documentadas” (DIAS, 1994, p.374). Conhecer, para transgredir.

O aspecto feminista presente em alguns versos da poetisa faz-se marcado por um tom forte de liberdade na palavra dada à figura feminina. No contexto histórico, já mencionado, a poesia é um elemento de combate a modelos impostos à mulher pela ditadura salazarista, na qual evidencia na família e na figura da mulher o arquétipo da moral portuguesa, a “essencialidade portuguesa” (ROSAS, 2001, p.4).

Complementando tal ideia, Anne Cova e António Pinto, no artigo “O salazarismo e as mulheres – uma abordagem comparativa”, salientam que: “A mulher foi concebida para ser mãe, foi a ‘natureza’ que assim decidiu. O Salazarismo acrescentou que deve ser uma mãe devota à pátria e ocupar-se do ‘governo doméstico’” (COVA; PINTO, 1997, p. 72). Dessa forma, pressupõe-se uma sociedade portuguesa patriarcal dentro das estruturas de poder disseminadas pelo Estado Novo, mas não originada nele. Nessa mesma sociedade, o que havia era um papel muito bem definido a homens e a mulheres, fundamentado pela ditadura por meio da “diferença natural dos sexos” (COVA; PINTO, 1997, p. 72), mas semelhante no gerenciamento da família e dos bons costumes.

Ao longo da história ocidental, as mulheres rebelaram-se diante de sua condição de subordinada, tentando alcançar a possibilidade de recriar ou de refazer a história enquanto sujeitos ativos. A construção da mulher como o *Outro*, cujo estereótipo é a fragilidade, reforça o discurso opressor e excludente do poder desde os primórdios. Conforme escreve Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*:

O homem que constitui a mulher como um Outro encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro (BEAUVOIR, 1970, p.15).

Relacionando ao corpo da mulher o corpo do poema, em Luiza, essas duas extremidades tocam-se e delineiam uma poética da resistência, aqui percorrida por meio de algumas ideias de poetas e de poetisas portuguesas, em *Resposta ao inquérito poesia e resistência* (2012), a respeito do conceito de resistência, que aqui é preciso delimitar a abrangência da palavra. A ação de resistir não é necessariamente a uma tirania, mas a todo um fio de poder difundido sobre o aspecto da figura da mulher, de um lado; de outro: “uma resistência a qualquer ortodoxia cultural que pretenda colocá-la num pedestal ou enquadrá-la num sistema de valores inócuo ou predefinido, segundo certas regras consideradas aceitáveis ou próprias da «boa poesia»” (PINTO, 2012). Assim, a poesia é vista como seu elemento de resistência e de evocação de outro mundo, pela / na palavra.

Gastão Cruz, poeta da geração de Luiza Neto Jorge, salienta muito bem sua perspectiva sobre o conceito de resistência:

A questão fundamental reside, talvez, em determinar se a expressão da resistência à opressão imposta pela ditadura se sobrepõe ou não à valorização da palavra poética, ou seja, se a poesia se transforma numa mera arma verbal, perdendo a sua especificidade artística, ou se o poeta consegue conciliar a necessidade de tematizar o protesto e a revolta com as exigências de uma linguagem que não abdique da sua força inventiva como arte (CRUZ, 2012).

A poesia toca no modo como se tenta delinear a perspectiva do presente artigo: em que sentido a palavra é usada enquanto elemento de resistência para constatar um tempo autoritário, patriarcal e estigmatizado pela religião e pelo enraizado nacionalismo português? A poesia conseguiria tal proeza? O forte tema social entre os poetas e as poetisas de Poesia 61, mas também Sophia de Mello e Ruy Belo, por exemplo, na década de 60, pressupõe de forma evidente que “a atitude de protesto e de denúncia da opressão só se justifica, poeticamente, se mantiver uma aliança consistente com os valores próprios da poesia: densidade verbal, peso da palavra, capacidade de surpreender” (CRUZ, 2012). Essa consciência da palavra, presente em Luiza, conduz a poesia a resistir diante das opressões, dos conservadorismos, dos dogmas, e de tantas formas autoritaristas presentes na vida.

Procedendo à análise do poema “Canção para o dia igual”, é importante relacionar a apresentação da temática abordada à precariedade do corpo em maria, ao cotidiano massificado de milhares de mulheres que lutam todos os dias pela sua sobrevivência diante de um feroz sistema patriarcal, social e também econômico. Outro ponto interessante para ressaltar é o cabelo, como ainda sua simbologia e a maneira como a

ausência e a presença do cabelo representam na relação existente entre a condição vivida pela mulher em contraponto à condição vivida pelo homem. Com intuito de se entender melhor a simbologia do cabelo na análise literária, a de se fazer uma breve explanação sobre.

Na simbologia ocidental, o cabelo denota alguns sentidos aqui apresentados. Primeiro, para Juan Eduardo Cirlot, em *Dicionários de símbolos*, “os cabelos são uma manifestação energética” (CIRLOT, 2012, p.13), uma energia e uma força vital superior, representando, ainda, “os bens espirituais do homem. Belos cabelos abundantes significam para o homem e para a mulher a evolução espiritual. Perder os cabelos significa fracasso e pobreza” (PHALDOR apud CIRLOT, 2012, p.131). A explicação torna-se primordial no que se refere posteriormente à análise do poema. No também *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, há alguns outros comentários sobre a simbologia do cabelo. Dentre elas, novamente a força, mas o conceito de força “traz consigo, forçosamente, os de alma e de destino” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p.156). A força (masculino) alinha-se, então, à concepção de alma (masculino), em detrimento do corpo (feminino) e sua perda de força.

Por meio do corpo como elemento “insurrecto”, perpassado também pelas construções históricas já mencionadas, bem como a demonstração da simbologia do cabelo no mundo ocidental, é que se observa o poema “Canção para o dia igual”:

maria pobre de corpo
não tem mãos

ainda agora nasceu
não tem mãos

maria pobre de corpo
não tem cabelos

viajam no vento as tranças
com selos de nostalgia

maria pobre de corpo
entorna os braços pelo dia

longo ritmo de sede
e vida maria
(JORGE, 2001, p. 29)

No poema, o corpo apresenta-se em uma certa precariedade. Atente-se ao título

do poema, muito sugestivo: “canção para o dia igual”, no qual a canção, pela relação do texto com a música, canto de alguém para algo, o dia igual, é o cotidiano de maria, por meio da massificação dos dias pelos quais ela passa.

A repetição do verso “maria pobre de corpo” ou a negação no vocábulo “não” traz à tona a noção de rotina. O nome “maria”, grafado com m minúsculo, no primeiro, no terceiro, no quinto e no último dístico, mostra a condição de sua pequena mobilidade no mundo, ou de como é penosa a sua vida em contrapartida à vida do sujeito masculino. Amplia-se um pouco mais a ideia, a fim de que se saliente a abrangência deste nome, já que não é um nome próprio grafado com M. São, assim, muitas marias, e não uma única, remetendo ao cotidiano tão dificultoso das marias marcadas no texto. O segundo verso “não tem mãos” ressalta o enfraquecimento do corpo, pois sem as mãos nada se pega, nem se sustenta, nem se luta, sequer se cria. Não há norte. Afinal, como se trabalha, como se sustenta, como se vive?

No segundo dístico “ainda agora nasceu / não tem mãos” há a imagem de alguém a nascer, ou seja, a raiar, menção de uma nova realidade. Os dois seguintes dísticos “maria pobre de corpo / não tem cabelos” e “viajam no vento as tranças / com selos de nostalgia” entrelaçam-se: ainda se observa a evidência do corpo como análise, e embora se perceba a imagem das tranças ao vento, há o não pertencimento, mesmo na lembrança que há da trança com o corpo que ela teria, mas não possui concretamente. O penúltimo dístico sugere a única materialidade deste corpo: o membro superior braço. Apesar disso, ao se lançar pelo dia (mais uma vez o cotidiano aparece, o dia igual), ao se verter, desfaz-se, continuando a primeira imagem da imprecisão, ou mesmo indefinição do corpo da mulher.

O poema tem um fim intencional: retomar a um percurso rotineiro, demonstrado na própria estrutura do poema desde o começo, no qual o “longo ritmo de sede”, que o dia a dia soma à vida de maria, da exaustão, do outro dia que convida à necessária vitalidade, é a “vida maria”, seu caminho, sua condição. Questiona-se: até quando?

A realidade proposta no texto ressalta, ainda, uma denúncia diante da situação vivida por muitas mulheres que nos parecem ser indivíduos que lutam todos os dias para sobreviverem diante da dificuldade ao mesmo tempo material, seja ela uma mulher de poucas condições econômicas, ou mesmo marcada pelo seu gênero, perpassa novamente

outra marginalidade. Daí, o peso da existência, a pouca forma de corpo, a ausência, a precariedade.

4. Considerações finais

Ao discorrer sobre o corpo humano, e mais especificamente, o corpo da mulher, é importante refletir sobre sua história no período da humanidade, na qual as concepções e as perspectivas acerca do corpo da mulher referem-se às relações sociais, às relações culturais, e às relações de poder construídos por meio do olhar do homem, a qual se chamou de machismo, muitas vezes misoginia; este último termo cunhado para conceituar espécies de ódios, de violências e de desprezos perante o sujeito feminino.

O corpo torna-se um elemento insurrecto, revoltoso, embora massificado pelo sistema patriarcal disseminada durante o século XX envolto à ditadura portuguesa. Porém, no constante jogo de vir a ser insurgente, a compreensão de sabê-lo proibido, reprimido, ou mesmo dócil, segundo Foucault (1999), mostra a condição da mulher como uma forma de embate.

Na poesia de Luiza Neto Jorge, discutida no presente texto, o corpo é um dos pontos principais no ato de resistência não somente à história ditatorial de Portugal nos anos 60, mas junto à escrita, como uma maneira de empoderamento⁴³ feminino, sobretudo às palavras de Luiza Neto Jorge no poema “Sitio lido IV”: “Palavra é o que lembro / ou o que meço?” (JORGE, 2001, p.164). “Palavra”, vocábulo principal dos dois versos, interligando-os, é aquilo que se mede ou se lembra? Porém, o poema finaliza-se com o questionamento. Cita-se a parte V do mesmo poema, para complementar os versos anteriores: “A morada é nesta confluência / do que digo e aquilo que farei / depois e antes de não saber falar” (JORGE, 2001, p. 165), revelando o valor da palavra enquanto maneira inseparável daquilo que se experiencia em formas corpóreas na busca por espaços de liberdade em que a mulher ainda não é reconhecida.

A intensidade característica nos versos de Luiza, em que “ergo a minha arte do poço / onde flutua” (JORGE, 2001, p.135), dá forma a uma forte poesia que longe de ser

⁴³ Empoderamento é uma nomenclatura utilizada no movimento feminista para salientar a respeito da libertação das mulheres das formas de opressão de gênero e da realidade patriarcal evidenciada em determinadas sociedades.

estritamente metalinguagem ou contextual, relaciona as duas perspectivas por meio do empenho e da luta contra quaisquer tiranias sobre a mulher e também sobre a criação limitada e arraigada do poema.

Submissão: janeiro de 2020

Aceite: março de 2020

Referências:

- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo – fatos e mitos*. 4ª edição. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade*. 8ª ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 26ª ed. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- CHIARA, Ana Cristina. Deitar com Luiza Neto Jorge. In: ALVES, Ida *Um corpo inenarrável e outras vozes – estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Niterói: Editora Eduff, 2010.
- CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Editora Centauro, 2012.
- COVA, Anne; PINTO, António Costa. O Salazarismo e as Mulheres: Uma abordagem comparativa. *Penélope: Gênero, Discurso e Guerra*, n. 17. Lisboa, Portugal, 1997.
- CRUZ, Gastão. A quarta dimensão da poesia de Luiza Neto Jorge. In: ALVES, Ida. *Um corpo inenarrável e outras vozes – estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Niterói: Editora Eduff, 2010.
- _____. *Resposta ao Inquérito Poesia e Resistência 2012 (Portugal)*. Disponível em: <<http://ilcml.com/blog/inquerito-poesia-e-resistencia-portugal/>>. Acesso em: 25 de jul. 2016.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica da diferença. *Revista Estudos Feministas / UFSC*. Florianópolis, n.2, v.2, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 20ª ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- JESUS, Alilderson Cardoso de. Um corpo explosivo é a casa do mundo: o sexo Luiza Neto Jorge. In: ALVES, Ida. *Um corpo inenarrável e outras vozes – estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Niterói: Editora Eduff, 2010.
- JORGE, Luiza Neto. *Poesia (1960 -1989)*, organização e prefácio de Fernando Cabral Martins, 2ª edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- MARTELO, Rosa Maria. Um jogo de relâmpagos. In: MARTINS, Floriano (Org.). *Corpo insurrecto e outros poemas*. São Paulo: Editora Escrituras, 2008.
- MELO E CASTRO, Ernesto Manuel de. *O próprio poético: ensaio de revisão da poesia portuguesa atual*. São Paulo: Editora Quíron, 1973.
- PINTO, Diego Vaz. *Resposta ao Inquérito Poesia e Resistência 2012 (Portugal)*. Disponível em: <<http://ilcml.com/blog/inquerito-poesia-e-resistencia-portugal/>>. Acesso em: 25 de jul. 2016.
- ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. *Análise social / ICS*. Lisboa, n. 157, v. XXXV, 2001.